

CONIMBRIGA



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA



VOLUME LIII • 2014

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Trinidad Nogales Basarrate / María José Pérez del Castillo (Eds.), *Ciudades Romanas de Extremadura*, Studia Lusitana, 8, Mérida, Museo Nacional de Arte Romano, 2014, 260 pp., ilustrado [ISBN: 978-84-617-3695-9].

http://dx.doi.org/10.14195/1647-8657_53_9

A colecção *Studia Lusitana*, editada pelo *Museo Nacional de Arte Romano* de Mérida, foi agora enriquecida com mais um volume de grande interesse, reunindo as conferências apresentadas durante o ciclo subordinado ao tema *Ciudades Romanas da Extremadura*, realizado no Museu emeritense em 2011. Editado por T. Nogales Basarrate e M. J. Pérez del Castillo, a obra contribui de forma relevante para um ponto da situação do que se conhece sobre as cidades romanas da Estremadura espanhola, cujo território pertence em grande parte à Lusitânia romana. Não deixará de ser interessante comparar o que se publicou em 1990 nas actas da reunião de Talence¹, início de uma fecunda investigação internacional sobre a Lusitânia, e o que agora se divulga nesta publicação.

Com apresentação das editoras, a obra abre com a sentida evocação, por Paloma Acuña e J. M. Álvarez Martínez, da arqueóloga Manuela Barthélemy. Seguem-se os artigos da responsabilidade de 21 autores, tratando de uma dezena de cidades, maioritariamente lusitanas: *Capara*, *Caurium*, *Norba Caesarina*, *Emerita*, *Ugultunia*, *Nertobriga*, *Regina*, *Metellinum*, *Augustobriga* e *Lacimurga*. Gostaria de desenvolver uma avaliação dos diversos contributos, que o conjunto da obra merece, mas o espaço disponível não o permite, pelo que me limito a sugerir a sua leitura atenta e a apontar alguns pontos que me parecem mais interessantes.

O artigo de E. Cerrillo sobre *Capara* (Ventas de Cáparra) destaca a evolução da cidade e o seu equipamento muito completo para um centro de pequenas dimensões, o que permite distingui-la das *civitates sine urbe* que pontuam a Beira portuguesa, obrigando a considerar aqui uma realidade diferente. A complicada história arqueológica de *Caurium* (Cória) é tratada por G. González e J. P. Moreno Carrasco, que elencam os vestígios de época romana, propondo uma imagem urbana mais realista, sem esquecer a velha discussão sobre a antiguidade da muralha. A referência ao miliário de Augusto

¹ AA.VV., *Les villes de Lusitanie Romaine: hiérarchies et territoires*, Éditions du Centre National de la Recherche Scientifique, Paris, 1990.

achado nos arredores de Cória, pertencente à série de Alfaiates e de Molino del Sobrao, ainda que erradamente datado, considera a necessidade de reinterpretar a rede viária na região².

Seguem-se duas colónias: *Norba Caesarina* (Cáceres) e *Emerita Augusta*, cidade que recuperou há pouco anos o estatuto de capitalidade. De *Norba* ocupam-se E. Cerrillo e T. Nogales, historiando os problemas da arqueologia norbense e centrando a sua intervenção na questão da área monumental da cidade, da localização do forum e do seu programa escultórico e epigráfico, sem esquecer o problema, incómodo, da localização da *mansio* que servia a cidade. Sobre *Emerita* no Alto Império escreveram M. Alba, P. Dámaso Sánchez e G. Sánchez, defendendo que a cidade foi pensada como um exemplo urbanístico, abrangendo desde o início uma área de 72 hectares. Não creio que assim tenha sucedido, tanto mais que a muralha mostra uma rectificação na zona do anfiteatro, área que estaria antes extra-muros. De qualquer forma, a área atribuída a *Emerita* ultrapassaria largamente o que se conhece na Lusitânia. Os autores tratam com grande interesse da periferia da colónia, abordagem nem sempre possível e por vezes descurada.

O artigo sobre *Ugultunia* (Medina de las Torres), da responsabilidade de P. Mateos Cruz, A. Pizzo e V. Mayoral Herrera, reveste-se de grande interesse por confirmar, se tal fosse necessário, o valor da teledeteccção e do recurso a métodos geofísicos na arqueologia das cidades antigas como metodologia de prospecção, seguida de validação dos dados através de sondagens, o que permitiu confirmar a existência de um anfiteatro nesta pequena cidade de seis hectares de superfície. A cidade de *Nertobriga Concordia Iulia* (Fregenal de la Sierra) foi tratada por J. Luís de la Barrera, L. Berrocal-Rangel e R. Caso Amador, que admitem uma municipalização cesariana, tão difícil de provar como noutros sítios peninsulares. O topónimo oficial e a atribuição à tribo Galéria sugerem, creio, alguma reserva. Muito interessante é a presença de dois templos similares e adjacentes, ocupando uma posição dominante no forum, provavelmente consagrados ao culto imperial a crer na epigrafia. Mas o elemento mais invulgar é uma raríssima fossa de fundação escavada junto aos templos e que continha uma relha de arado, datada de finais do século II a.C.

Um pouco mais a sul encontra-se *Regina* (Casas de Reina), representada por um artigo da autoria de J. M. Álvarez Martínez, F. G. Rodríguez Martín e T. Nogales. Os autores relacionam o sítio, muito degradado ao longo dos tempos, com a sua localização geográfica e riqueza mineira regional. A referência de Plínio, que a considera um *oppidum*, e a existência de uma ara consagrada

² Todos estes miliários pertencem a uma balizagem efectuada, em 23/22 a.C., imediatamente após a fundação de Mérida. Só através do artigo de Gregório González e Moreno Carrasco conseguimos conhecer a proveniência do miliário depositado no *Museo del Cárcel*, em Cória, do qual não obtivemos resposta quando o contactámos em 2011.

ao *Genius Oppidi* por um *decemvir maximus*, sugere, mais uma vez, reflexão sobre o problema dos estatutos urbanos e do significado do título municipal, que aqui remontará aos flávios. *Regina* parece ter sido uma *Dypolis*, cujo projecto inicial não se concluiu, talvez por razões económicas. Para além do teatro, felizmente ainda não “requalificado”, um dos elementos urbanos mais interessantes é constituído pelos restos muito destruído de três templos edificadas contigualmente e que os testemunhos da estatuária sobrevivente não impedem de classificar como um capitólio, onde não faltavam os mármore de Estremoz.

A terceira colónia romana situada na Extremadura é *Metellinum* (Medellín). O texto respectivo é da autoria de S. Guerra Millán, H. Collado Giraldo, S. Pérez Romero e M. Viola Nevado. O que se verificou neste sítio nos últimos anos transformou por completo a percepção desta cidade, que os arqueólogos referidos aceitam corresponder a *Conistorgis*, o que me parece por ora, improvado. Apesar de avanços no conhecimento da área urbana, o monumento mais importante continua a ser o teatro, cuja *cavea* foi parcialmente reconstruída, o que justificou a atribuição do prémio *Europa Nostra*. Sob a igreja de Santiago identificou-se um templo do período republicano, sugerindo um desenvolvimento inicial a que a fundação de *Emerita* desferiu um golpe significativo, apesar da atribuição a *Metellinum* do estatuto colonial por Augusto.

O estudo de *Augustobriga* (Talavera la Vieja), destruída em 1963 pela barragem de Valdecañas, é da autoria de C. Morán Sánchez, que desenvolve a história deste sítio arqueológico. Da cidade romana, que terá sido de mediana importância, apenas foram salvos alguns testemunhos, em especial os restos de um dos templos. Mais uma vez deparamos com o impacte da construção de grandes barragens sobre os sítios arqueológicos, quase sempre silenciado. O autor chama a atenção, todavia, para as oportunidades que os momentos de estiagem proporcionam aos investigadores, pois ficam visíveis vestígios antes desconhecidos, alvo de delapidação imediata. O último estudo, de A. Aguilar Saénz, ocupa-se de *Lacimurga* (Cierro del Cogolludo), nos limites entre a Lusitânia e a Bética, sublinhando a importância deste sítio no período pré-romano, graças à presença de materiais orientalizantes. Discute também os problemas de identificação e de localização, alargando-se sobre o território e as suas características. Na região achou-se um fragmento de *forma* cadastral, já publicado por vários investigadores, onde se lê sem dar lugar a dúvidas, o hidrónimo *Ana*, o verdadeiro nome antigo do Guadiana. O autor sublinha ainda o valor do sítio, deserto e contando com uma importante sucessão de horizontes culturais, como local privilegiado em termos de escavação.

Resta-nos referir a boa qualidade gráfica do volume, como é habitual na colecção *Studia Lusitana*, convidando os interessados na história e na arqueologia da Lusitânia a apreciarem esta importante publicação, fazendo votos para que o *Museo Nacional de Arte Romano* prossiga o que já se afirmou como uma relevante iniciativa editorial.

Vasco Gil Mantas

Faculdade de Letras / Universidade de Coimbra